

CASA DE AREIA E OS JOSÉS

Casa de Areia é um filme de Andrucha Waddington que foi produzido com 8,6 milhões, orçamento um tanto acima da média das produções brasileiras e um pouco abaixo da média das produções cinematográficas norte-americanas. Minha pergunta é: todo esse investimento, público e privado, gerou um bom filme? É uma via de mão dupla com resposta positiva e negativa.

Começamos pela negativa, pois é assim que eu fazia com as balas sortidas, chupava primeiro as que eu não gostava para depois ter que dividir com meu irmão as que eu gostava, saco. O filme Casa de Areia é uma merda porque não dá para entender nada, segundo o José da Silva e seus 180 milhões de parentes, espalhados pelo Brasil.

A segunda via é perceber o filme como obra de arte e compreender que a média de valores dos quadros históricos ultrapassa 50 milhões, mesmo tendo sido produzidos por um único artista. Já um filme possui na sua equipe um número significativo de artistas especializados em dirigir, atuar, escrever roteiros, fazer trilha sonora, fotografar, editar, e toda a gama de empregos temporários de que necessita, isso dá uma média mínima de 100 pessoas envolvidas.

Agora qual das vias seguir? O José da Silva, com seus 180 milhões de parentes, tem a razão ou a incompreensibilidade da arte, mais uma vez sai ganhando? Uma resposta salutar a esse pequeno problema para a humanidade - grande para brasileiros como o José da Silva que ontem não conseguiu nada para comer, assim como parte de seus parentes - é assistir ao filme. Mas já não está mais no cinema, e nada mais vai mudar para pagar esses 8,6 milhões gastos no filme, e o problema também não é meu, porque não coloquei grana para nesse filme. Ok?

É, a ideia de ver esse filme, proposta por mim, como uma resposta salutar ao paradigma que ele criou, possivelmente não é boa. Ver a Fernanda Montenegro e sua filha Fernanda Torres atuando esplendidamente no Casa de Areia, rodado nos Lençóis Maranhenses, que poderia servir de cenário para um filme de ficção científica, onde encontramos uma história fabulosa sobre o tempo e as mudanças da vida, foi realmente uma idiotice, não é, José da Silva?

Já ia me esquecendo, e que é um fator que me deixou de queixo caído, esses 8,6 milhões foram gastos para fazer um filme que foi inspirado numa fotografia pendurada na parede de um boteco do Ceará. Pode isso? Uma foto, de um anônimo, mostrando uma casa tendo metade coberta por uma duna, faz um bando de gente se reunir para arrumar 8,6 milhões e torná-los um filme. O bom é que a história do cinema brasileiro fica com este brilhante, que não fora lapidado por nenhum grande festival, como herança para os netos dos Josés que, quem sabe, já terão preocupações outras que não a sobrevivência.

Tiago Cesar Hall